

Um estudo dos recursos defensivos em adolescentes que praticam automutilação

Por Maria Eni de Mattos¹

Resumo

O presente trabalho é o recorte de um projeto de doutorado. Traz inicialmente breves informações epistemológicas sobre da teoria a ser utilizada, a psicanalítica. Na sequência, apresenta a metodologia e descreve as técnicas e procedimentos usados durante o processo avaliativo. Em seguida, descreve o processo em si, sua análise, correlacionando com a teoria utilizada. Por fim, apresenta a conclusão e reflexão diante dos resultados obtidos por meio das entrevistas com as adolescentes.

Palavras-chave: Adolescentes, desenho, automutilação, conflito, defesas.

Resumen

Este trabajo es parte de un proyecto de doctorado. Inicialmente, trae una breve información epistemológica sobre la teoría a utilizar, la psicoanalítica. A continuación, presenta la metodología y describe las técnicas y procedimientos utilizados durante el proceso de evaluación. Luego, describe el proceso en sí, su análisis, correlacionándolo con la teoría utilizada. Finalmente, presenta la conclusión y reflexión sobre los resultados obtenidos a través de entrevistas a los adolescentes.

Palabras clave: Adolescentes, dibujo, automutilación, conflicto, defensas.

1. Introdução

O presente trabalho apresenta um recorte de um projeto de doutorado no qual apresentará um estudo de caso para compreender a subjetividade e quais recursos defensivos presentes em três adolescentes que se voltam contra o próprio corpo quando em sofrimento psíquico.

¹ Doutoranda em Psicologia pela UCES (Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales – Buenos Aires). E-mail: mariaenimattos@yahoo.com.br

Inicialmente o presente trabalho traz algumas informações epistemológicas sobre o referencial e engloba um breve apanhado acerca da teoria utilizada, a psicanalítica como uma proposta para o contexto escolar. Apresenta breve teoria sobre subjetividade, adolescência, Automutilação, desejos e defesas.

Em seguida apresenta a metodologia utilizada, ou seja, descreve o objetivo da demanda atendida e da descrição das técnicas e procedimentos utilizados no processo avaliativo.

Posteriormente é descrito o processo em si. É apresentada a análise do processo, na qual é feita uma reflexão sobre as mudanças hipotéticas observadas nas adolescentes atendidas, fazendo a devida correlação com a literatura utilizada.

Finalmente é apresentada a conclusão a partir do trabalho realizado onde se demonstra as habilidades e reflexões levantadas dentro do enfoque utilizado.

2. Desenvolvimento

2.1. Psicanálise

De acordo com Laplanche (2004) “é um método de pesquisa que consiste essencialmente em evidenciar a significância inconsciente de palavras, atos, produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um indivíduo” (p. 317).

O autor afirma ainda que:

Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que garantem a validade da interpretação. É um método psicoterapêutico baseado em pesquisa e caracterizado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. É um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados fornecidos pelo método psicanalítico de pesquisa e tratamento (Laplanche, 2004, p. 317).

Para Garcia-Roza, 2009:

A psicanálise representa uma mudança significativa, no que se refere à subjetividade, em face da filosofia moderna. Esta, com suas concepções excessivamente generalizantes, ignorava o indivíduo. Mesmo quando apontava como um de seus objetos privilegiados, a metafísica moderna se recusava a concebê-la como uma singularidade concreta (p. 20).

O autor continua dizendo:

O surgimento da psicanálise é contemporâneo ao surgimento do homem, e este só surgiu com o desenvolvimento da economia capitalista e sua exigência de controle dos corpos e dos desejos. Porém, mesmo em se descartando de qualquer inocência quanto aos compromissos sociais da psicanálise, o fato é que ela se constituiu como uma das práticas mais eficazes de escuta do discurso individual (Garcia-Roza, 2009, p. 22).

2.2. Subjetividade

“É o conjunto das inscrições psíquicas, das memórias das vivências, criadas a partir da junção entre a vida pulsional, qualificação afetiva e sensorial” (Maldavsky 1997, p. 70).

Além disso, Maldavsky “afirma que podemos considerar o valor que tem a vivência, seja na família, seja num grupo social mais vasto, e transmitidas às vezes em silêncio, como traço de caráter que atravessa gerações e como ritmos e estados do afeto” (Maldavsky 1997, p. 70).

Freud, segundo Maldavsky, 1997:

atribui a origem da consciência a um conjunto de neurônios que têm função sensorial. Através deles se propagam processos de origem objetiva e de natureza temporal, consistindo no período em que as energias se distribuem. Uma distribuição temporal de processos quantitativos se propaga através do sistema nervoso, de acordo com um critério, uma taxa de redução entre impulsos que circulam pelo aparelho psíquico. Esse é o fragmento objetivo do processo, ligado à percepção, enquanto a consciência, como fenômeno, constitui sua face subjetiva. Portanto, a consciência pertence ao campo da subjetividade. A percepção é então categorizada como uma qualidade da consciência (p.74).

Maldavsky, 1997 afirma que:

Basta dizer que matiz afetiva, como conteúdo da consciência, inicia o caminho da distinção entre o eu e o id, correspondendo ao surgimento da qualificação como algo diferente das relações puramente quantitativas. O afeto surge então como consciência da própria vitalidade pulsional e, simultaneamente, da vitalidade dos interlocutores primários. A constituição dessa consciência originária ligada ao sentimento reúne as outras duas teorias da subjetividade, pois é a consequência de um primeiro tipo de afastamento da passividade diante da pulsão e supõe uma forma de identificação primária. Se a matiz afetiva não se

estabelece ou não persiste, o desenvolvimento da subjetividade fica ameaçado (p. 75).

Ele acrescenta que “a partir da junção entre vida pulsional e qualificação afetiva e sensorial, pode-se começar a desenvolver o conjunto de inscrições psíquicas, de traços mnêmicos, caso em que as diversas erogeneidades adquirem sua linguagem, se cria sua representação simbólica” (Maldavsky, 1997, p. 75).

Assim, conforme Maldavsky, 1997:

A subjetividade implica vínculos com a pulsão, com a realidade e, também com o superego. Mas é preciso ainda considerar um ponto que corresponde à emergência daquele eu que se pressupõe desde a primeira identificação, aquele que se refere à atividade, e que se mantém com a mesma imprecisão na segunda, na da identificação, e nesta terceira, investigação vinculada. Na verdade, é o self que pode ocupar a posição de sujeito ou dá-la a outrem e, então, permanecer colocado como objeto ou como assistente, por exemplo. (p. 95).

Ele acrescenta que:

A consciência é o lado subjetivo de todos os eventos psíquicos e, portanto, inseparável do processo psíquico fisiológico. A consciência é aqui o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema neuronal, ou seja, dos processos psíquicos, e a ausência ou deixa o acontecimento psíquico inalterado, mas inclui a ausência da contribuição do sistema psíquico (p. 97).

2.3. Adolescência

Aberastury, (1981), afirma que “é o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento” (p. 13). E acrescenta que:

As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isso só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação como as da infância. (...). É um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por conflitos com o meio familiar e social (p. 13).

“Dentro do processamento psíquico, pode-se estabelecer, em última instância, que a tarefa imposta à alma será amarrar a pulsão genital. Em princípio, em termos narcisistas, porque a pulsão primeiro investe o self e depois os objetos” (Wainer. In: Neves e Hasson, 2009, p. 255).

Na mesma linha, “o que implica a conquista de uma maior complexidade, podemos localizar o surgimento do pensamento abstrato e a aquisição progressiva de novas formas no ideal do ego” (Wainer. In: Neves e Hasson, 2009, p. 255/256).

Já conforme José Maria Rembado:

A queda da onipotência dos pais arrasta um ego que se sustentava na identificação com eles como modelos. Diante da perda do sentimento de si mesmo e do desamparo psíquico, surge um mecanismo de defesa, a negação. Sua função é restabelecer o equilíbrio narcísico por meio da produção de representações e fantasias nas quais aparecem personagens ideais, duplês com os quais o adolescente se identifica. Essas formações substitutivas, embora estruturadas pela negação como mecanismo hegemônico, também expressarão outras correntes psíquicas (Neves e Hasson, 1997, p. 258).

O autor continua dizendo que:

Heróis, como substituto paterno na adolescência, são utilizados como forma de negar a queda da onipotência dos pais, apelando, por exemplo, a super investir cantores e atletas, destacando aspectos como força, poder e beleza, contrapondo-se aos valores econômicos e intelectuais próprios do mundo adulto (Rembado. In: Neves e Hasson, 1997, p. 271).

Já Almasia e Scokin afirmam que:

Ao longo das diferentes fases da adolescência, várias defesas coexistirão, como negação, repressão, sublimação, identificações secundárias etc. Aqueles que irão formar um quadro defensivo no qual será possível observar o domínio de um deles. Esta situação não significa que o resto das defesas não sejam eficazes; pelo contrário, atuarão e colaborarão umas com as outras (Almasia e Scokin. In: Neves e Hasson, 1997, p. 282).

De acordo com Ventura e Royo:

A realização desses processos no caminho da subjetividade leva o adolescente a percorrer uma jornada custosa, com obstáculos e empecilhos, o que implica a elaboração de lutos, a constituição de novas representações, novas identificações e, como desfecho mais exitoso, o acesso a formas mais complexas, tão abstratas, mais impessoais em relação ao ideal, possibilitando sua incursão em espaços e vínculos extrafamiliares (Ventura e Royo. In: Neves e Hasson, 1997, p. 301).

E acrescentam que:

No final da adolescência, as partes finais dessa corrente psíquica e da sexualidade arcaica que ela representa, encontrarão uma nova limitação. O fortalecimento do superego (e a dominância progressiva que alcançará no final deste período) fará com que a partir daí a repressão seja dirigida sobre os derivados da negação e, por outro lado, ocorrerá um aumento das identificações e sublimações secundárias (Ventura e Royo. In: Neves e Hasson, 1997, p. 306).

“A transformação de vínculos inicialmente homossexuais em relações institucionais e hierárquicas, por outro lado, coloca o adolescente em melhores condições para a descoberta do objeto e sua preservação” (Ventura e Royo. In: Neves e Hasson, 1997, p. 307).

Elas salientam que:

A partir da matriz formada pelas relações familiares, que confere singularidade no caminho da subjetividade, as diferentes formas do ideal abrem a possibilidade de inserção em grupos mais abrangentes, gerando vínculos positivos com a diversidade. O adolescente, portanto, permite-lhe desenvolver projetos significativos na área do amor, do trabalho e de si mesmo para dar um valor emocional ao cotidiano (Ventura e Royo. In: Neves e Hasson, 1997, p. 312).

2.4. Automutilação

“O corte é a forma mais comum de autolesão (self injury SI). Em resposta às preocupações que giram em torno deste assunto, foi criada uma Rede Internacional para o Estudo da autolesão” (Scilletta, 2011).

Conforme Scilletta, 2011:

Em 2006, os principais pesquisadores da área trabalharam em busca de um consenso em relação às questões-chave. Um ano depois, em junho de 2007, foi definido como: “A destruição deliberada e autoinfligida de tecido corporal resultando em dano imediato, sem intenção suicida e para fins não sancionados socialmente”, com a coincidência de vários autores (Gratz, 2006, p. 241; Lloyd-Richardson, Perrine, Dierker e Kelley, 2007).

Como tal, esse comportamento se aponta dos condutas suicidas que manifestam a intenção de morrer, das overdoses de drogas e de outras formas de comportamentos autolesivos, incluindo aqueles que são culturalmente admitidos e aqueles realizados para exibir efeitos estéticos; formas repetitivas e estereotipadas encontradas entre indivíduos com transtornos de desenvolvimento e deficiências cognitivas, e as formas mais graves (por exemplo, autoimolação e autocastração) encontradas entre pessoas com psicose, Si pode ser entendido como um subconjunto desta gama mais ampla (Scilletta, 2011).

A esse propósito, Araújo e colaboradores (2016):

apresentam automutilação em sua relação com a noção de masoquismo desenvolvida por Freud, assim como com um dos quatro destinos da pulsão identificados por ele – o voltar-se contra a própria pessoa – na forma de infligir dor a si próprio, lesionando o próprio corpo. As autoras dizem que segundo a definição dos descritores em ciências da saúde, automutilação é o “ato de lesar o próprio corpo, até o ponto de cortar ou destruir permanentemente um membro ou outra parte essencial do corpo” (S/pág.).

Conforme Sant’Ana no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5 (APA,2014):

A autolesão não suicida é definida como “comportamento repetido do próprio indivíduo de infligir lesões superficiais, embora dolorosas, à superfície do seu corpo” (p.804). “Tal comportamento visa reduzir emoções negativas, tais como tensão, ansiedade e autocensura, e/ou resolver uma dificuldade interpessoal” (Sant’Ana, 2019, p. 123).

Ela acrescenta ainda que:

Segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e problemas relacionados à Saúde - CID 10 (Organização Mundial da Saúde, 2008) a autolesão não suicida abrange

movimentos intencionais, repetitivos, estereotipados e os comportamentos automutiladores ou autolesivos envolvem as seguintes ações: bater a cabeça, esbofetear a face, colocar o dedo nos olhos, cortes, queimaduras, morder as mãos, os lábios ou outras partes do corpo (Sant’Ana, 2019, p. 124).

Já Moreira Filho e Oliveira (2017) descrevem a automutilação:

como todo comportamento pensado que envolve ataque direto ao próprio corpo sem intenção consciente de suicídio, mas, que pode resultar em prejuízo grave e até mesmo morte. Habitualmente, na sequência à automutilação, a pessoa esconde as feridas autoinfligidas com roupas com mangas compridas ou oferece explicações alternativas para elas s/pág.).

Os autores acrescentam que:

Normalmente a pessoa que se automutila tem a intenção de evitar uma dor emocional muito intensa, numa espécie de permuta, da dor emocional pela dor física. Entretanto, apesar dos sentimentos internos muito forte, o automutilador não experimenta muitas reações emocionais no que diz respeito a eventos externos, sendo capaz de presenciar grandes tragédias sem reações emocionais (Moreira Filho e Oliveira, 2017).

Nascimento (2017) corrobora com o autor acima e afirma que:

Automutilação normalmente é uma forma de expressar ou lidar com uma angústia esmagadora ou aliviar uma tensão insuportável; às vezes, pode ser uma mistura de ambos. A autoagressão também pode ser um grito de socorro. A pessoa que se automutila não está, usualmente, querendo interromper a própria vida, mas sim usando esse comportamento como um modo de aliviar alguma dor emocional e desconforto (Nascimento, 2017, s/p).

Coginotti e Reis (2016, p. 65) concordam com os autores acima dizendo que “este tipo de autolesão pode estar relacionado a transtornos psiquiátricos como: o transtorno de personalidade borderline, narcisista ou histriônico e a transtornos psicóticos” (Harth et al., 2010, como citado em Richartz, 2013).

Nesse sentido, Moreira Filho e Oliveira (2017) afirmam que atualmente, “esse comportamento tem

sido associado também a problemas como depressão, transtorno bipolar, Síndrome do Pânico, bulimia, anorexia, *bullying*, epilepsia, problemas emocionais, transtornos alimentares, dentre outros. Outro fator que deve ser investigado está relacionado à associação entre dor e prazer” (Moreira Filho e Oliveira, 2017, s/pág).

Os autores salientam que “A automutilação é mais comum entre jovens e adolescentes que sofrem pressão psicológica” (Moreira Filho e Oliveira, 2017, s/pág.).

Dessa forma, para estudar a automutilação em adolescentes temos as seguintes variáveis: Desejos e Defesas.

2.5. Desejos

Para Maldavsky (2013, p. 30) “Desejo é o estímulo interno, motivação, que faz com que os sujeitos ajam de uma maneira e não de outra”.

Em relação ao desejo, deve-se notar que Freud (1915a) “prestou atenção fundamental a esse estímulo interno, derivado do impulso, especialmente libidinal, como o motor básico dos diferentes processos psíquicos” (Maldavsky, 2013, p. 30).

Para ele:

Os desejos podem ser categorizados levando em consideração os movimentos eróticos correspondentes. Estes podem incluir qualquer uma destas sete alternativas: 1) Libido Intrassomática (LI), 2) por via oral primário (O1), 3) sádico-oral secundário (O2), 4) primário anal-sádico (A1), 5) sádico anal secundário (A2), 6) fálico-uretral (FU) e 7) fálico-genital (FG). Os últimos seis desejos constituem o repertório classicamente estabelecido por Freud (1933a). Eles podem combinar-se com todas as defesas funcionais (p. 36).

E acrescenta que “apenas o primeiro dos desejos, LI, requer algum esclarecimento. Com esse nome nos referimos à sugestão de Freud (1926d) segundo a qual em um momento inicial do desenvolvimento libidinal a investitura recai sobre os órgãos internos (especialmente coração e pulmões)” (P. 30).

Freud (1915e e 1926d), segundo Maldavsky (2013, p. 28) enfatiza “a importância das funções dos desejos como motores da vida psíquica”. E acrescenta:

Para Freud, o desejo resulta de um aumento da tensão endógena que investe determinadas representações; por outro lado, o aumento libidinal ante uma representação ou uma

percepção pelo afeto culmina em uma liberação, em um desligamento, embora ambos os processos constituam resíduos das vivências de satisfação e de dor, e imponham exigências de trabalho ao aparelho psíquico, salvo o prazer final (Maldavsky 1992. P. 107).

Já Sneiderman (2012) afirma que esta noção freudiana “faz referência ao desejo inconsciente ligado a primeira experiência de satisfação e ao movimento de repetí-la. É derivado da pulsão, diferenciado da necessidade que nasce de um estado de tensão interna e encontra sua satisfação pela ação específica do objeto” (s/pág).

Para Laplanche 2004:

Freud não identifica necessidade com desejo: a necessidade, nascida de um estado tensão interna, encontra satisfação pela ação específica do objeto. O desejo está indissolúvelmente ligado a memória e encontra sua realização na reprodução alucinatória das percepções dessa satisfação. Contudo, essa diferença nem sempre é tão clara na terminologia de Freud. A concepção freudiana de desejo refere-se fundamentalmente ao desejo inconsciente, ligado a sinais indestrutíveis da infância. Para Freud o desejo nasce da separação entre necessidade e demanda; é irreduzível à necessidade, uma vez que, em sua origem, não está relacionado a um objeto real, independente do sujeito, mas, com fantasia (p. 121).

Alonso, e colaboradores (1985) afirmam:

O desejo se especifica como a diferença da necessidade. E esta surge de um estado de tensão interna e se acalma você se satisfaz com um objeto adequado por exemplo, fome ingestão de comida, objeto do desejo é um objeto perdido que constitui como ausência e a realização do desejo reaparece de uma percepção ligada a primeira experiência de satisfação. Os sintomas neuróticos igualam ao sonho, a partir do desejo da realidade percebida. O desejo tem uma direção, pois, sempre se conduz ao prazer O prazer é definido como um impulso, esse que reconstitui a situação de primeira satisfação, o destino está sempre à procura do objeto perdido. O desejo conduz a uma falta, o remédio é um momento mítico da primeira satisfação, no qual o passado é sempre ressignificado a partir do presente (Alonso e colaboradores, 1985, p. 17 e 18).

Com base nessas informações os autores ressaltam:

O desejo se realiza quando reaparece uma percepção que tanto pode provir do exterior quanto do interior do aparelho psíquico: o que o desejo deseja é uma identidade de percepção, a qual é indiferente que correspondam ou não a um objeto externo. É dizer que a realização do desejo pode se dar no registro da fantasia, do sonho, do sintoma ou da alucinação, que o desejo funda uma ordem de realidade que lhe é própria e que Freud nomeia como “realidade psíquica” (Alonso e Colaboradores, 1985, p. 76).

2.6. Defesas

Maldavsky afirma que defesa para Freud (1915c) “É o conjunto de processos cuja finalidade é evitar o desprazer e pode ser considerada como o destino das pulsões. Cada defesa é caracterizada por uma oposição à realidade, superego ou desejo” (Maldavsky, 2013, p. 31).

O autor acrescenta que:

Esses destinos ou variabilidades são modos de processamento desenvolvidos pelo ego para enfrentar os conflitos nos quais deve intervir entre três setores que muitas vezes estão em conflito: 1) impulsos e desejos, 2) realidade, 3) o superego. O ego às vezes fica do lado do impulso e do desejo e confronta a realidade e o superego, e outras vezes fica do lado da realidade e do superego e se opõe ao impulso e ao desejo. Esses modos de processamento do ego ao desenvolver alguma defesa podem ser funcionais ou patológicos. Essas duas categorizações de defesas podem ser reunidas, o que leva à conclusão de que tanto as defesas patológicas quanto as funcionais podem intervir no conflito psíquico, colocando-se ao lado do desejo contra a realidade e o superego, ou do lado do superego e da realidade contra o desejo, ou em uma transação em que os diferentes setores em conflito encontram uma conciliação menos drástica (, p. 31).

O autor propôs diferentes parâmetros para caracterizar as defesas:

“Uma delas envolve a diferenciação das defesas contra o desejo, das defesas contra a realidade e do superego e as defesas que reconciliam os setores em conflito” (Maldavsky, 2013, p. 32).

Maldavsky salienta ainda que

O segundo parâmetro é distinguir entre defesas funcionais e patológicas. Ele afirma que a

defesa é tanto mais patológica quanto maior for o custo psíquico do ego para mantê-la, no sentido de levar a estados de indiferenciação e descomplexação crescentes. Essa diferenciação entre defesas funcionais e patológicas é válida tanto para as defesas contrárias à realidade e ao superego quanto para as defesas contrárias ao desejo (Maldavsky, 2013, p. 32).

O autor ressalta também que:

É conveniente incluir um terceiro parâmetro, que consiste em diferenciar as defesas centrais das defesas secundárias. Com efeito, algumas dessas defesas, tanto funcionais como patológicas, são centrais, no sentido de definirem as bases de uma organização psíquica. Outras defesas (funcionais ou patológicas) são secundárias, no sentido de contribuir para o trabalho da defesa central, que é reprimida por uma de cunho mais específico (Maldavsky, 2013, p. 32).

2.6.1. Defensas centrais e seu estado

As defesas centrais, conforme Maldavsky (2013, p. 32):

Podem incluir defesas funcionais (...) e patológicas (...). Dentre as defesas funcionais, em ordem decrescente em termos do grau de conciliação entre os setores concorrentes, é possível distinguir quatro que são centrais:

- 1) de acordo com o propósito, (acorde a fines)
- 2) inibição,
- 3) criatividade,
- 4) sublimação.

Dentre as defesas patológicas, em ordem decrescente quanto ao grau de conciliação dos setores em conflito, é possível distinguir cinco que são centrais:

- 1) repressão
- 2) repressão com características caracterológicas,
- 3) negação,
- 4) afastamento da realidade e da instância paterna,
- 5) desestimação de afeto.

O objetivo de cada defesa consiste em manter algum tipo de equilíbrio narcísico, de autossentimento, mas geralmente demanda um maior ou menor grau de fragmentação egóica e de identificação. Maldavsky salienta que cada defesa, funcional ou patológica, tem seu “preço” na vida psíquica, no sentido de que implica um empobrecimento de algum de seus setores (Maldavsky, 2013, p. 31-33).

Segundo o autor, é conveniente que se leve em consideração que Freud “sustentava que todas as defesas se caracterizavam pela tentativa de expulsar algo (um pensamento, uma lembrança, um juízo, uma percepção) da vida psíquica e substituir por algo diferente” (p. 33). E acrescenta que “o rejeitado pode ser um desejo, um juízo derivado de percepções, um juízo de valor ou matriz afetiva” (Maldavsky, 2013, pág. 33).

E afirma que:

Consequentemente, para diferenciar as defesas é possível levar em conta o que o ego busca desalojar de si em cada ocasião e o que recorre em substituição ao que é rejeitado. Aquilo que o ego pretende desalojar, e com o qual está em conflito, às vezes é representativo de um desejo (geralmente é um traço de memória), outras vezes, um representante da realidade (geralmente um julgamento derivado de percepções do mundo, (...), outros, representativos do superego (geralmente um julgamento valorativo), e ainda outros, finalmente, representativos da vitalidade da própria energia pulsional (geralmente é uma matriz afetiva, que é substituída por um estado de apatia ou inércia). Em suma, o que se desloca pode ser um desejo, um julgamento derivado das percepções, um julgamento avaliativo, um matriz afetivo (Maldavsky, 2013, p. 33).

Para ele:

Quando o rejeitado é o representante de um desejo, em seu lugar o ego coloca novas representações, geralmente embelezando de acordo com as demandas valorativas. Quando o que é rejeitado é um julgamento representativo de uma realidade, o self recorre a outras percepções, que permitem que o juízo a que se opõe seja substituído por outro. Quando o que é rejeitado é um julgamento valorativo, o ego geralmente o substitui por imagens de si mesmo de caráter grandioso. Finalmente, quando o rejeitado é a matriz afetiva, o ego apela

para substituí-lo por prazeres orgânicos, como a masturbação. Cada defesa, funcional ou patológica, tem seu "preço" na vida psíquica, no sentido de que implica um empobrecimento de alguns de seus setores. Uma defesa oposta ao seu desejo é psiquicamente menos custosa do que aquela oposta à realidade ou oposta ao julgamento de valor do superego, mas a defesa mais cara é aquela que busca eliminar a matiz afetiva e substituí-la por estados corporais (Maldavsky, 2013, p. 33).

Assim:

As defesas funcionais centrais também têm seu custo, uma vez que implicam voltar-se, em maior ou menor medida, contra alguns dos setores conflitantes no próprio eu, com exceção da defesa "acorde a fines". Algumas questionam os desejos, outras questionam a realidade e / ou as normas do superego. São defesas marcantes, como a criatividade e a sublimação, que ao mesmo tempo que respeitam as regras em geral, questionam-nas em um campo específico, por exemplo, estético ou científico. Todas elas podem ser combinadas com qualquer um dos desejos, e eles se parecem e diferem uns dos outros por alguns traços (Maldavsky, 013, p .33).

Maldavsky afirma que as defesas "podem diferenciar-se por aquilo que o ego pretende substituir, mas também, por aquilo que é colocado no lugar do rejeitado. Quando a defesa fracassa, o conflito retorna ao ego em forma de angústia" (Maldavsky, 2013, p. 36).

E acrescenta que:

Em relação ao estado da defesa, Maldavsky, (2013, p. 36) destaca que Freud (1915c) argumentou que as manifestações clínicas que expressam o sofrimento de um paciente decorrem do fracasso da defesa, e não do momento em que é bem-sucedida. As defesas têm duas funções:

- 1) manter o equilíbrio narcisista, o sentimento de si mesmo,
- 2) rejeitar algo conflitante fora de si.

Maldavsky ressalta que o sucesso da rejeição é condição para manter o equilíbrio narcísico, que é o objetivo básico. Se uma defesa for bem-sucedida, o ego conseguiu rejeitar algo conflitivo e mantém o sentimento de si mesmo. Se a defesa falhar, esse algo conflitante

retorna para o self e surge a angústia. Mas também pode ocorrer um resultado misto, no qual o conflito não retorna, mas o ego não mantém o sentimento de si mesmo, mas sim uma condição neutra (Maldavsky, 2013, p. 36). Portanto, é possível categorizar o estado de defesa como:

- 1) exitosa
- 2) fracassada
- 3) mista.

As defesas são, segundo Maldavsky, uma forma na qual o ego processa as exigências advindas das demandas libidinais e portanto, algumas defesas, podem ser consideradas como as respostas específicas do Eu a determinadas exigências, e que os desejos se combinam com todas as defesas funcionais (Maldavsky, 2013, p. 36).

Maldavsky ressalta ainda que:

As defesas secundárias se combinam com determinados desejos e não com outros. Salienta que se poderá observar que, salvo para FU e FG é comum aos restantes desejos a regressão pulsional e que, salvo para A2, é comum, a regressão egóica, no sentido de que o Eu retorna a modalidades mais precoces de seu próprio funcionamento. Também são comuns a O1, O2 e A1 os mecanismos de introjeção, transformação em contrário e volta-se contra si mesmo. Por sua vez, a identificação aparece tanto em O2 como em FG e a projeção, em A1 e FU (Maldavsky, 2013, p. 37).

Para Freud (1918b), conforme Maldavsky, 2013:

Em cada corrente psíquica predomina uma defesa, isto é, uma maneira de processar os conflitos, entre desejos, realidade e superego. Ele considerou que cada sujeito não se reduz a uma única organização psicopatológica, como a neurose obsessiva ou a depressão, e por conseguinte que não teve um único conflito ou uma única defesa. Pelo contrário, foi considerada uma complexa articulação entre as áreas que poderiam ter um elo mais ou menos harmonioso, mais ou menos conflituoso, dependendo da diversidade de conflitos com o mundo (p. 39).

3. Metodologia

3.1. Objetivo

Analisar os recursos defensivos em três adolescentes que praticam automutilação quando em sofrimento psíquico.

3.2. Objeto Estudado e Procedimentos

A avaliação realizada com o Questionário Desiderativo apresentada foi realizada com dez adolescente com idade entre 13 e 21 anos que buscaram ajuda junto à equipe pedagógica do colégio relatando seu sofrimento psíquico e a necessidade de cortar-se como única possibilidade para aliviar sua dor. Foram realizada reunião para conversar com as mães e expor a elas a pesquisa e pegar assinatura no Termo de Consentimento.

O primeiro passo após a discussão com a pedagoga responsável para coletar mais informações sobre as meninas foi realizar a reunião com as mães dessas meninas para dar início aos atendimentos com o grupo de meninas. Durante os trabalhos realizados com as meninas, após a aplicação do Teste Projetivo “Questionário Desiderativo” e sua análise foram utilizadas dinâmicas para melhorar a sua autoestima, discussão com textos/metáforas, jogos, desenhos, conversas e desafios, com a finalidade primeira de criação de vínculo e, sequencialmente de identificar as causas de seus conflitos, bem como atividades para desenvolver sua resiliência. Durante a aplicação do Questionário Desiderativo pôde-se perceber a necessidade que algumas meninas têm de agradar o outro, baixa autoestima, sentimento de desvalia, depressão e insegurança.

3.3. Análise dos Procedimentos e Resultados

Nas entrevistas iniciais as mães expuseram sua preocupação em relação ao ato de cortar-se de suas filhas e alegavam não entender o real motivo para que isso estivesse acontecendo.

As adolescentes alegam problemas na família, como não tendo bom relacionamento com um dos progenitores, outras não se sentem amadas e sentem a rejeição sentida pelo pai ou pela mãe. Algumas delas moram com a mãe e/ o pai, mas a maioria convive com os pais separados ficando uma semana com um e outra com outro

A pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento para na sequência analisar os resultados obtidos nessa etapa.

3.4. Discussão

A partir da aplicação do Questionário Desiderativo pode-se identificar que processos familiares estão influenciando no comportamento de automutilar-se. Algumas adolescentes sentem-se retraídas, quase não se comunicam em casa e na escola, sentem-se rejeitadas pelos pais, algumas delas apresentaram nota baixa em algumas disciplinas e sentem desconforto, crises de ansiedade em algumas aulas precisaram sair da sala, outras tem poucos amigos e não socializam ficando isoladas durante as atividades em sala de aula e o recreio e uma delas tentou suicídio.

Durante conversa informal, as meninas justificam seu comportamento como tentativa de aliviar uma dor interna intensa a qual não conseguem mensurar.

4. Conclusão

Este trabalho faz parte de uma pesquisa do curso doutorado em Psicologia com ênfase em Psicanálise freudiana que tem como prioridade investigar quais os desejos e as defesas estão presentes no momento que antecede ao ato em si para auxiliá-las neste momento. Melhorar o seu desempenho, sua autoestima fazendo com que elas se sintam motivadas a mudarem sua atitude e possam compreender esse conflito interno.

A parte prática contribuiu para a percepção da importância de ouvir, de respeitar o silêncio e a dúvida do outro, de pensar junto sem dar a palavra final. Entender que cada pessoa tem o seu momento e que é importante que o outro sujeito se sinta acolhido e compreendido, sem receio de ser julgado pela sua maneira de ser e agir.

Esse trabalho, tanto prático quanto teórico, proporcionou a possibilidade de repensar valores sobre o comportamento dos profissionais da educação e da família em relação as adolescentes que apresentam dificuldade em lidar com seus conflitos internos, até mesmo por imaturidade. Apresentar um olhar mais empático para com os participantes da comunidade escolar auxiliando no desenvolvimento da empatia por parte de todos os envolvidos e aceitação do outro.

4.1. Objetivo

Analisar os recursos defensivos em três adolescentes que praticam automutilação quando em sofrimento psíquico.

4.2. Método

Estudo de caso exploratório, qualitativo e interpretativo. Amostra composta por três adolescentes, voluntárias, com idades de 15, 17 e 18 anos. As meninas responderam ao “Questionário Desiderativo” que consta de três perguntas de catexia positiva e três de catexia negativa. É uma técnica com estimulação verbal e consiste em explorar os desejos, as defesas e seu estado.

Segundo Sneiderman (2012) esta técnica informa sobre os conflitos e pontos de fixação predominantes. Conforme a autora é possível conhecer quais são as defesas as quais o sujeito recorre ante uma situação de temor, ameaça, como também seu grau e eficiência.

Ao finalizar, cada uma delas fez um desenho livre como forma de reorganizar-se. Lembramos que as técnicas gráficas são instrumentos projetivos com finalidade de investigação e exploração da subjetividade que exploram aspectos mais primitivos e arcaicos da personalidade.

4.3. Considerações Finais / Conclusão

Observamos que os recursos defensivos, das três adolescentes, se caracterizam pela fase Oral Secundária e Anal Secundaria, Fálico Uretral e Genital que ao fracassar dão lugar a exploração desafetivizada de a Libido Intrassomática por estar acompanhada de diferentes manifestações verbais ligadas aos afetos, como também expressões intelectuais e racionalizações mais adaptativas.

Assim, encontramos defesas como o deslocamento associado a vivência de temor pela possível perda de independência e liberdade, e ainda, respostas ligadas ao estético e harmônico. Quando todo este repertório fracassa aparece o discurso desafetivizado, próprio da libido Intrassomática onde prevalece o corpo não simbolizado.

Pôde-se concluir a partir das técnicas utilizadas que nos três casos, no momento, se apresentam sentimentos de desvalia, com foco no passado, tendência à agressão e hostilidade para com os outros e ainda que as três adolescentes apresentam conflito com a figura materna.

Referência

Aberastury, A. y Knobel, M. (1981). *Adolescência Normal*. (Trad. Suzana Maria G. Balve) Porto Alegre: Artmed.

Almasia, A. e Scokin, M. S. (1994). “Transformaciones en la adolescencia media”. In: Neves, N. e Hasson, A.

Del Suceder Psíquico – Erogeneidad y estructuración del yo en la niñez y la adolescencia. Buenos Aires. Nova Vision.

Alonso, S., Berlink, T.; Garcia, C., Magalhães, C., Mezan, R. (1985). *O Desejo na Psicanálise.* Campinas, Papirus.

Laplanche, J. (2004). *Diccionario de psicoanálisis* (6ª ed.). Buenos Aires: Paidós.

Lieberman, D.(1972). *Linguística, interacción comunicativa y proceso psicoanalítico.* Tomo I. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

Maldavsky, D. (1992). *Estruturas Narcisistas- Constituição e transformações.* Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro. Imago Ed.

Maldavsky, D. (1997). *Sobre las ciencias de la subjetividad – exploraciones y conjeturas.* Buenos Aires. Nova Vision.

Maldavsky, D. (2013). *ADL Algoritmo David Lieberman: un instrumento para evaluación de los deseos y las defensas en el discurso.* (1a ed.). Buenos Aires: Paidós.

Maldavsky, D. (2006). “Categorías e instrumentos. Diagnósticos en la clínica Psicoanalítica. La detección de la fijación libidinal y la defensa con el Algoritmo David Lieberman”. *Subjetividad y procesos cognitivos.* 8, 173-203.

Maldavsky, D. (2014). “Un método para la investigación del deseo y la defensa en el discurso: algoritmo David Lieberman (ADL)”. *Linguagem & Ensino,* 17(1), 51-69. Recuperado de: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/933/723>

[Moreira Filho, Alonso Augusto e Oliveira, Vandenise Krepker.](#) Automutilação. ABCMED. 2017. Disponível em: <<https://www.abc.med.br/p/psicologia-e-psiquiatria/1307133/automutilacao.htm>>. Acesso em: 20 out. 2019.

Neves, Nilda e Hasson, Alicia. *Del Suceder Psíquico – Erogeneidad y estructuración del yo en la niñez y la adolescencia.*1994. Nuenos Aires. Nova Vision.

Rembado, J. M. (1994). “Ideal del Yo y representación grupo en la Adolescencia temprana”. In: Neves, Nilda e Hasson, Alicia. *Del Suceder Psíquico – Erogeneidad y estructuración del yo en la niñez y la adolescencia.* Buenos Aires: Nova Vision.

Sant’Ana, Izabella Mendes. (2019). Autolesão não suicida na Adolescência e a Atuação do Psicólogo Escolar: Uma Revisão Narrativa. 11(1). Pp120-138.

Scilletta, D. (2011). *Pulsiones, defensas y su estado en los episodios que anteceden a los cortes*

autoinfligidos en piel. Estudio exploratorio a partir de los relatos de dos pacientes mujeres en tratamiento en un hospital público. Tesis de la Maestría en Problemas y Patologías del Desvalimiento), UCES, Buenos Aires. Disponible em: <http://dspace.uces.edu.ar:8180/xmlui/handle/123456789/1190> Acessado em 20 de maio de 2020.

Sneiderman, S. (2013). “¿Es el “Cuestionario Desiderativo” una Técnica propicia para detectar Pulsiones y Defensas en Patologías del Desvalimiento?”, *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 17(1), 274-290. Recuperado de: <http://dspace.uces.edu.ar:8180/xmlui/handle/123456789/2160>.

Ventura, A. e Royo, S. (1994). “Adolescencia tardía”. In: Neves, Nilda e Hasson, Alicia. *Del Suceder Psíquico – Erogeneidad y estructuración del yo en la niñez y la adolescencia*. Buenos Aires. Nova Vision.

Wainer, A. (1994). “El Recorrido pulsional en la prepuberdad y la Adolescencia Temprana”. In: Neves, N. e Hasson, Alicia. *Del Suceder Psíquico – Erogeneidad y estructuración del yo en la niñez y la adolescencia*. Buenos Aires. Nova Vision.

Fecha de recepción: 7 de septiembre de 2021

Fecha de aceptación: 14 de diciembre de 2021